



## O desejo por uma criança no homem e sua construção em torno da masculinidade, um continente negro?

**Patricia Alkolombre**

### **Introdução**

Dentro dos limites e transformações das masculinidades presentes na cultura de hoje, vou me referir ao desejo de uma criança no homem e sua construção em torno da masculinidade. É um tema pouco estudado dentro da psicanálise; no entanto, é um campo de interesse relevante uma vez que está presente nos pais contemporâneos de famílias hetero, homo e monoparentais; muitos foram possíveis desde a chegada das técnicas reprodutivas.

A idéia de pensar o desejo de uma criança no homem como um "continente negro" - parafraseado Freud - se refere à escuridão que envolve o assunto. Nesta linha, a pesquisa atual que estou realizando tem como objetivo dar voz e explorar o campo do desejo referido ao desejo de uma criança a partir da perspectiva da masculinidade.

As reflexões surgem inicialmente da observação clínica de casais com transtornos reprodutivos, o que me levou a me interessar pelo desejo de um filho dentro do campo teórico; e em particular os casos de esterilidade masculina que revelam a complexidade do assunto e uma ausência de referências na cultura. Historicamente, o desejo das mulheres por filhos e maternidade era privilegiado, apesar de o problema da esterilidade masculina ser tão antigo quanto a própria humanidade (Delaisi de Parseval, 1981; Frydman, 1986).

A partir dos anos 80, as tecnologias reprodutivas foram introduzidas e muitos homens em famílias heteroparentais e homoparentais puderam ter filhos através de diferentes técnicas de fertilidade assistida. A realidade é que hoje um homem só pode decidir sua paternidade se aluga um ventre e recebe ovos doados. O que era novidade há uma década é agora uma prática estabelecida na cultura



occidental. Do qual nos perguntamos sobre a especificidade da construção do desejo de uma criança nos homens em torno da masculinidade. Um dos eixos teóricos que encontramos é a feminização deste desejo.

### **A Feminização do Desejo de uma Criança no homem**

Em várias de suas obras, Freud propõe o repúdio do feminino no masculino. No manuscrito M ele sustenta que "o elemento genuinamente reprimido é sempre o feminino" (Freud, 1897, p. 292); em 1918 ele coloca "o horror básico à mulher" e acrescenta que "o homem teme ser enfraquecido pela mulher, ser infectado por sua feminilidade" (Freud, 1918, 1917; p. 194). Ele retoma estas mesmas idéias com o conceito de rocha viva através do "repúdio à feminilidade" (Freud, 1937, p. 252). Aberastury, a partir da psicanálise das crianças, levanta o desejo de ter um filho do pai como um desejo normal nos estágios iniciais do desenvolvimento do homem, como um período homossexual, daí sua repressão, e junto com estas tendências, reprime o desejo por um filho que se torna proibido (Aberastury, Salas, 1972). Por sua vez, André Green descreve o complexo de castração no masculino, salientando que "é impossível conceber a desvitalização sem levantar o problema da feminilidade de acordo com o masculino" (Green, 1992, p. 53). Juan David Nasio (1991) afirma que o homem que reconhece dolorosamente seu lado feminino tem mais possibilidades de assumir o difícil papel de pai. Estas perspectivas iniciais propõem uma feminização em tudo o que diz respeito ao seu papel de pai e ao desejo de uma criança que seja homologada com aspectos femininos ou homossexuais (Freud, 1897, 1910, 1914, 1937; Aberastury, 1984; Green, 1992).

No entanto, este ponto de vista não leva suficientemente em conta as experiências do desejo de uma criança nos homens, especialmente se levarmos em conta a subjetividade do tempo ligada às diferentes paternidades presentes hoje nas sociedades ocidentais (Roudinesco, 2005).



Daí surge a necessidade de estabelecer um diálogo com teorias de gênero e novas conceitualizações sobre o assunto. Cada momento histórico-social se faz as perguntas que podem ser possíveis para aquele momento. Neste sentido, as paternidades contemporâneas nas famílias heterossexuais, homossexuais e monoparentais nos permitem abordar este desejo nos homens, conjeturado com suas próprias particularidades, que se constroem em torno da masculinidade e que superam as concepções teóricas que o explicam a partir do feminino.

Outros autores levam em conta o desejo de uma criança no homem a partir de outras perspectivas. Groddeck analisa os distúrbios somáticos referidos a uma gravidez desejada, temida ou inconscientemente imaginada, associada à masculinidade nos homens (Groddeck, 1923); Mauricio Abadi destaca o lugar do desejo de uma criança nos homens através do ritual do *couvade* (Abadi, 1960, 1984); Piera Aulagnier refere-se ao "desejo do pai, entendendo por isso tanto o desejo da criança pelo pai como o desejo do pai pela criança" (Aulagnier, 1975, p. 151).

### **Sobre a Masculinidade**

A noção de masculinidade de Freud está dentro do binarismo feminino/masculino que é governado pela presença ou ausência da genitália masculina, uma diferença que determina o lugar do masculino e do feminino, em oposição à castração. Ao longo de seu trabalho ele tem diferentes definições, inicialmente apontando que a masculinidade é uma aquisição tardia, na puberdade (Freud, 1905); em 1915 ele acrescenta que o significado essencial da masculinidade para a psicanálise é o de atividade; em 1930 ele sustenta que somente a anatomia, e não a psicologia, é capaz de nos revelar o caráter próprio do masculino ou do feminino (Freud, 1930). O masculino reúne em seu trabalho o sujeito desejoso, a atividade e a posse do pênis.

Neste ponto vou desenvolver brevemente dois temas relevantes a respeito da masculinidade no trabalho de Freud, um dos quais é a masculinidade primária



tanto para meninas quanto para meninos, e o outro é a ausência de conceitualizações sobre o pré-Édipo no masculino.

Os desenvolvimentos de Freud partem de um monismo sexual através do postulado de uma masculinidade primária tanto para meninos quanto para meninas. Ele argumenta que no masculino "a aspiração à masculinidade aparece desde o início e está inteiramente de acordo com o eu", acrescentando que "a atitude passiva, uma vez que pressupõe castração, é energicamente reprimida" (Freud, 1937, p. 252). A escola de inglês questiona a idéia de uma masculinidade primária (Klein, 1932; Jones, 1937; Horney, 1937).

Outro tema é o pré-edipo no masculino, não desenvolvido em seu trabalho. Embora ele mantenha uma masculinidade primária "num todo de acordo com o eu" no masculino (Freud, 1937), por outro lado ele afirma que o primeiro objeto de amor tanto para o masculino quanto para o feminino é a mãe (Freud, 1931). Perguntamo-nos o que acontece com as primeiras identificações nos tempos do pré-Édipo no masculino, que estão impregnadas com o feminino - materno. É aqui que se revela um preconceito androcêntrico ao negar as primeiras identificações da criança com a mãe.

Se nos movemos para a questão do desejo de uma criança nos homens, uma linha de pensamento é a forma de identificação com a mãe no desejo de uma criança, um desejo que é ativo nas mulheres. Ou seja, o desejo de uma criança da masculinidade do homem pode ser pensado como identificando-se com uma mãe feminina que é ativa no papel de cuidado e apoio. É uma identificação precoce que teve que ser reprimida e depois deslocada para a valorização do pênis como uma diferenciação de identidade.

Encontramos autores que analisaram o pré-Édipo no homem, entre eles Robert Stoller, um psicanalista americano que nos anos 90 fez os primeiros desenvolvimentos sobre a identidade de gênero. Stoller afirma que "o primeiro imperativo para ser homem é: não ser mulher" (Stoller, Herdt 1992, p. 193). Ele postula uma fase profeminina no macho que é induzida pela fusão que ocorre



na simbiose mãe-filho" (Stoller, Herdt, 1992, p. 192), em uma identificação pré-verbal com a mãe, que nos homens constitui um obstáculo que deve ser superado, e depois uma segunda fase na qual cada criança deve erguer barreiras intra-psíquicas que o protejam do desejo de manter a simbiose e ser capaz de ir além desta fase profeminina. Nesta linha, Greenson se concentra na análise do pré-Édipo masculino e sustenta que para alcançar um senso de masculinidade a criança deve se afastar da mãe, seu principal objeto de identificação, a fim de se identificar com o pai. Ele argumenta que a capacidade de desidentificação da criança determinará o sucesso ou o fracasso da identificação com o pai (Greenson, 1995).

Naqueles anos, Elizabeth Badinter analisou a masculinidade em torno de questões sobre o que é um homem e o que lhe confere suas características específicas. Ela sustenta que a criança é definida antes de tudo pelo negativo "pelo que não é feminino" e se coloca como uma idéia central de que a identidade masculina é dada pela oposição (Badinter, 1933, p. 61).

Por sua vez, Silvia Bleichmar sustenta que a teoria sexual da masculinidade não ofereceu por mais de um século grandes questões nem esteve aberta a revisão. Ela argumenta como ponto de partida que "a psicanálise mantém uma dúvida com os homens" (Bleichmar, 1992, p. 13) por interpretar os fantasmas da masculinização que são expressos em alguns casos na "busca da incorporação da virilidade da relação com outro homem, como fantasmas homossexuais" (Bleichmar, 1992, p. 13). Ele postula um paradoxo na constituição da sexualidade masculina pelo qual o homem se torna masculino através da incorporação do pênis paterno, através da identificação primária de um tipo canibalista, sob uma modalidade anal em vez de oral. Ela estabelece uma diferenciação entre um desejo homossexual e um desejo de masculinização que se abre à heterossexualidade, e que afasta o homem da presença capturadora da mãe pré-edipiana, seguindo Stoller e Greenson neste ponto. Ele ressalta que "o pai inscreve traços cujos sinais não são subsumidos na polarização exercida pelo corpo da mãe" (Bleichmar, 2006, p. 182).



A partir do feminismo acadêmico, nos anos 70, começaram os estudos de masculinidade. Em seu início, eles se perguntam sobre as formas sociais na constituição da masculinidade, os mecanismos de reprodução do poder e da dominação masculina (Bourdieu, 1998). Em outras palavras, como "a cultura patriarcal deixa suas marcas na construção da masculinidade, afetando seus modos de pensar, sentir e agir". Alguns desses estudos dão origem à chamada "nova masculinidade" (Burin, Meler, 2000, p. 29). É importante enfatizar que esta é uma abordagem que não exclui a dinâmica individual e singular de cada assunto, mas que o contexto histórico e social é apresentado como um de seus determinantes.

Finalmente, nesta linha Luis Bonino Méndez (1997) propõe a construção da masculinidade em torno do ideal social e subjetivo da masculinidade em duas direções: por um lado, os ideais tradicionais de gênero que se baseiam no ideal de auto-suficiência, domínio e controle, que tem a masculinidade hegemônica como figura paradigmática (Connell, 1987); e por outro lado, o ideal inovador de gênero, um novo ideal masculino sensível e empático. Este último ideal masculino inovador de gênero, também chamado de alternativa, suscita novos desejos nos homens fora do ideal clássico da masculinidade.

### **Para concluir,**

A idéia desta apresentação é explorar o desejo de uma criança nos homens e sua construção em torno da masculinidade, um problema que está relacionado com a complexidade da paternidade contemporânea. Ser capaz de ir além das perspectivas dentro da psicanálise que a explicam a partir da feminilidade ou homossexualidade, e que expressam um preconceito de gênero e uma barreira para sua análise. Encontramos outros pontos de vista que atualmente nos permitem pensar e representar nas teorias e na clínica psicanalítica uma problematização dos desejos masculinos, entre eles o desejo de uma criança. Neste caso, podemos pensar no desejo de uma criança no homem e sua construção em torno da masculinidade.



### Bibliografía:

Abadi, M. (1984) “El significado inconsciente del rol paterno”, *Revista de Psicoanálisis*, vol. XXXII, N°1.

Aberastury, A.; Salas E. (1984) *La paternidad*, Buenos Aires: Kargieman, Buenos Aires.

Alkolombre, P. (2001) “Esterilidad masculina, ¿un continente negro? *Publicación de las Segundas Jornadas de Infertilidad, Adopción y Fertilización Asistida*, Buenos Aires: APdeBA.

--- (2004) “Psicoanálisis y relaciones de género en fertilidad asistida”, en *Psicoanálisis y relaciones de Género*, comp. Alizade, M.; Lartigue T., Buenos Aires, México: Ed. Lumen.

--- (2008) *Deseo de hijo. Pasión de hijo. Esterilidad y técnicas reproductivas a la luz del psicoanálisis*, cap. “El deseo de hijo en el hombre”, “Esterilidad masculina”, en p. 31-38 / 48/53

--- (2009 a) “Nuevos escenarios masculinos en fertilidad asistida: un vientre para él”. *Libro del VIII Diálogo COWAP IPA, El padre. Clínica, género, posmodernidad*, Lima, pp. 153-160.

--- (2012-2013) “La paternidad y el deseo de hijo en el hombre: vicisitudes en los procesos de subjetivación”. *Revista de la Asociación Escuela Argentina de Psicoterapia para Graduados*, vol. 34, pp. 153- 163.

---- (2020) “El padre ausente. Reflexiones sobre la paternidad y el deseo de hijo en el hombre”, *Revista de la Sociedad Argentina de Psicoanálisis, SAP*, p.20-29, Buenos Aires.

Aulagnier, P. (1997) *La violencia de la interpretación. Del pictograma al enunciado*. Buenos Aires: Amorrortu, 1975.

Badinter, E. (1993) *XY. La identidad masculina*, Bogotá: Grupo Editorial Norma.

Beauvoir, S. [1949 (2009)] *El segundo sexo*, Madrid: Edición de Bolsillo.



Bleichmar, S. (1992) "Paradojas de la sexualidad masculina", *Revista de la Asociación Escuela Argentina de Psicoterapia para Graduados*, n°18, Buenos Aires.

---- (2006) *Paradojas de la sexualidad masculina*, Buenos Aires: Paidós.

Bonino Méndez, L. ((2002) "Masculinidad hegemónica e identidad masculina", en Dossier Feministas 6, *Masculinitats: Mites, De / Construcciones | Mascarades*.

Burin, M.; Meler, I. (2000) "Género: una herramienta teórica para el estudio de la subjetividad masculina", Buenos Aires: Anagrama.

Connell, R.W. ((2003). «La organización social de la masculinidad», en C. Lomas (ed.), *¿Todos los hombres son iguales? Identidades masculinas y cambios sociales*. Barcelona: Paidós.

Freud, S. (1897) "El Manuscrito M", *Obras Completas*, Vol. I, Buenos Aires: Amorrortu.

----- (1914) "Introducción del narcisismo", *Obras Completas*, Vol. XIV, Buenos Aires: Amorrortu.

----- (1917 [1918]) "El tabú de la virginidad, *Obras Completas*, Vol. XVII, Buenos Aires: Amorrortu.

----- (1923) "El yo y el ello", *Obras Completas*, Vol XIX, Buenos Aires: Amorrortu.

----- (1923) La organización genital infantil, Vol. XIX, Buenos Aires: Amorrortu.

----- (1924) El sepultamiento del complejo de Edipo, Vol. XIX, Buenos Aires: Amorrortu.

----- (1925) "Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos", *Obras Completas*, Vol. XIX, Buenos Aires: Amorrortu.

----- (1931) "Sobre la sexualidad femenina", Vol. XXI *Obras Completas*, Vol. XXIII, Buenos Aires: Amorrortu.

----- (1933) "La feminidad", Vol. XXII *Obras Completas*, Vol. XXIII, Buenos Aires: Amorrortu.

----- (1937) "Análisis terminable e interminable", *Obras Completas*, Vol. XXIII, Buenos Aires: Amorrortu.

Green, A. (1992) *El complejo de castración*, Buenos Aires: Paidós.





Greenson, R. R. (1995 [1969]) “Des-identificarse de la madre: su especial importancia en el niño varón”, en *Revista Asociación Escuela Argentina de Psicoterapia para Graduados*, N° 21, Buenos Aires.

Groddeck, C. (1923) *El libro del ello*, Taurus, Madrid, [1923], citado en *El padre: acto de nacimiento*, de Bernard This (1982), p. 95-96 Buenos Aires: Paidós.

Horney, K. (1937). *La personalidad neurótica de nuestro tiempo*, Barcelona: Paidós.1993.

Jones, E. (1927) “El desarrollo temprano de la sexualidad femenina”, en *Psicoanálisis y sexualidad femenina*, Hormé: Buenos Aires.

Klein, M. (1932) “El complejo de Edipo a la luz de las ansiedades tempranas”, *Obras Completas*, Vol. I, Buenos Aires: Paidós.

Nasio, J. D. (1991) “La femineidad del padre”, en *Voces de Femineidad*, Buenos Aires: Ed. Alizade, Mariam.

Roudinesco, E.(2005) *La familia en desorden*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

Stoller, R.J.; Herdt, G.H. (1992) “El desarrollo de la masculinidad: una contribución transcultural”, en *Revista de la Asociación Escuela Argentina de Psicoterapia para Graduados*, N°18, Buenos Aires.